

Ter, 16 de Abril de 2013.
06:17:00.

FOLHA DE S. PAULO | MERCADO
CINEMA | OUTROS

Precisa-se de roteiristas

Nizan Guanaes

Como os engenheiros, os roteiristas serão essenciais para formar o novo Brasil

Cada um cria a sua própria história. Não espere ninguém para fazer a sua. O mundo é tão diverso quanto o número de pessoas que o habitam. Todo dia nasce gente e todo dia nascem histórias.

O Brasil tem uma das maiores populações do planeta, somos já quase 200 milhões. E o Brasil é um dos países mais ricos e diversos do mundo. Temos muitas histórias para contar e agora temos mais meios para contá-las, mais meios e mensagens, porque o Brasil mudou, o Brasil é novo de novo.

As coisas quase nunca acontecem de forma reta, lógica, perfeita. As coisas acontecem do jeito delas. Sou um defensor entusiasta da livre iniciativa e também um defensor tão entusiasta quanto da cultura. Dentro das dificuldades históricas que temos para produzi-la, que não são só do Brasil, mas de grande parte dos países, inclusive grandes produtores culturais, como França e Itália, é preciso reconhecer a necessidade de algum apoio oficial e defesa de mercado.

A produção audiovisual, principalmente cinema e programas de TV, é uma grande oportunidade para as marcas brasileiras e para a imagem do país aqui dentro e lá fora. Basta ver o que o cinema fez pelos Estados Unidos ou imaginar James Bond trocando o tradicional dry martini por uma caipirinha.

Como bem sabe a propaganda, imagem e som é a mistura mais eficiente para contar histórias e emocionar plateias.

Por isso fiquei muito feliz ao saber outro dia que estamos sofrendo de falta de... roteiristas. Sim, pela primeira vez na história do Brasil faltam roteiristas. Não é maravilhoso isso? Um país que precisa de criativos.

A nova legislação do setor audiovisual aumentou exponencialmente a necessidade de conteúdo nacional na TV paga. E isso no momento em que esse setor cresce a uma taxa de 26% ao ano e já a-tinge mais de 16 milhões de brasileiros.

Para atender à nova legislação e alimentar esse público com conteúdos brasileiros, governo, operadoras e programadoras privadas dos canais de **TV por assinatura** estão realizando investimentos cada vez maiores na formação e na prospecção de roteiristas e roteiros.

A proteção do mercado ocorre no momento de explosão do mercado. A demanda por histórias brasileiras será enorme e tem bons precedentes. Basta ver sucessos como "Tropa de Elite", "Avenida Brasil", "Gonzaga - de Pai pra Filho" e tantos outros. Se tiver um bom produto na frente, o brasileiro consome o nacional com o mesmo gosto que consome megaproduções hollywoodianas.

De qualquer forma, a demanda está dada por lei, goste-se ou não. É uma oportunidade imensa para a nossa cultura e os nossos criativos.

Estou seguro de que nos próximos 20 anos a cultura brasileira será mais apreciada no Brasil e no mundo. O "jeitinho brasileiro", tão depreciado, deve evoluir benignamente para o "brazilian way", tolerante, inovador, original e específico como nosso país.

Mas, se nosso mix populacional e geográfico, nosso conservadorismo atrevido, nossa tolerância exorbitante e nossa diversificada economia nos tornam únicos, a essência brasileira ainda está em formação com a emancipação mesmo que tardia das massas, a emergência nos últimos anos de dezenas de milhões de brasileiros ao mercado consumidor, movimento que transforma a economia, a sociedade e também a cultura.

Essa enxurrada de novos programas, novos filmes, novas séries, novos documentários dará vez, voz e palco a esse novo Brasil.

É um Brasil que pode seduzir o mundo, com Copa das Confederações daqui a dois meses, Copa do Mundo no ano que vem e Olimpíada logo depois.

O Brasil não quer dominar o mundo, o Brasil quer seduzi-lo. Não somos apenas um mercado emergente, somos também um estilo emergente.

E nada melhor que bons roteiros e boas histórias para levar tudo isso às massas. Do Brasil e do mundo.

Precisamos de roteiristas. Assim como os engenheiros, eles serão essenciais para formar o novo país.

NIZAN GUANAES, publicitário e presidente do Grupo ABC, escreve às terças-feiras, a cada 14 dias, nesta coluna.